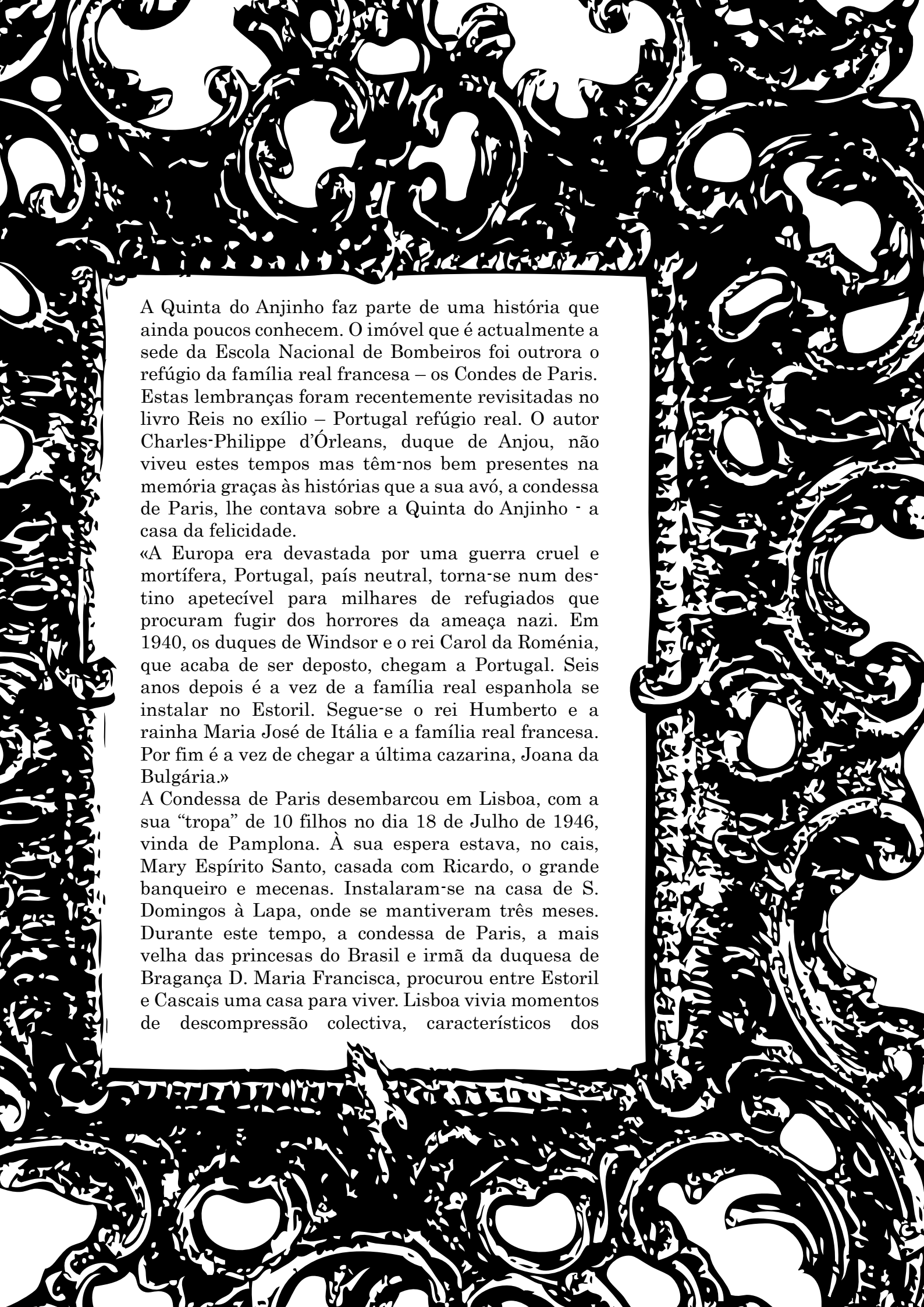




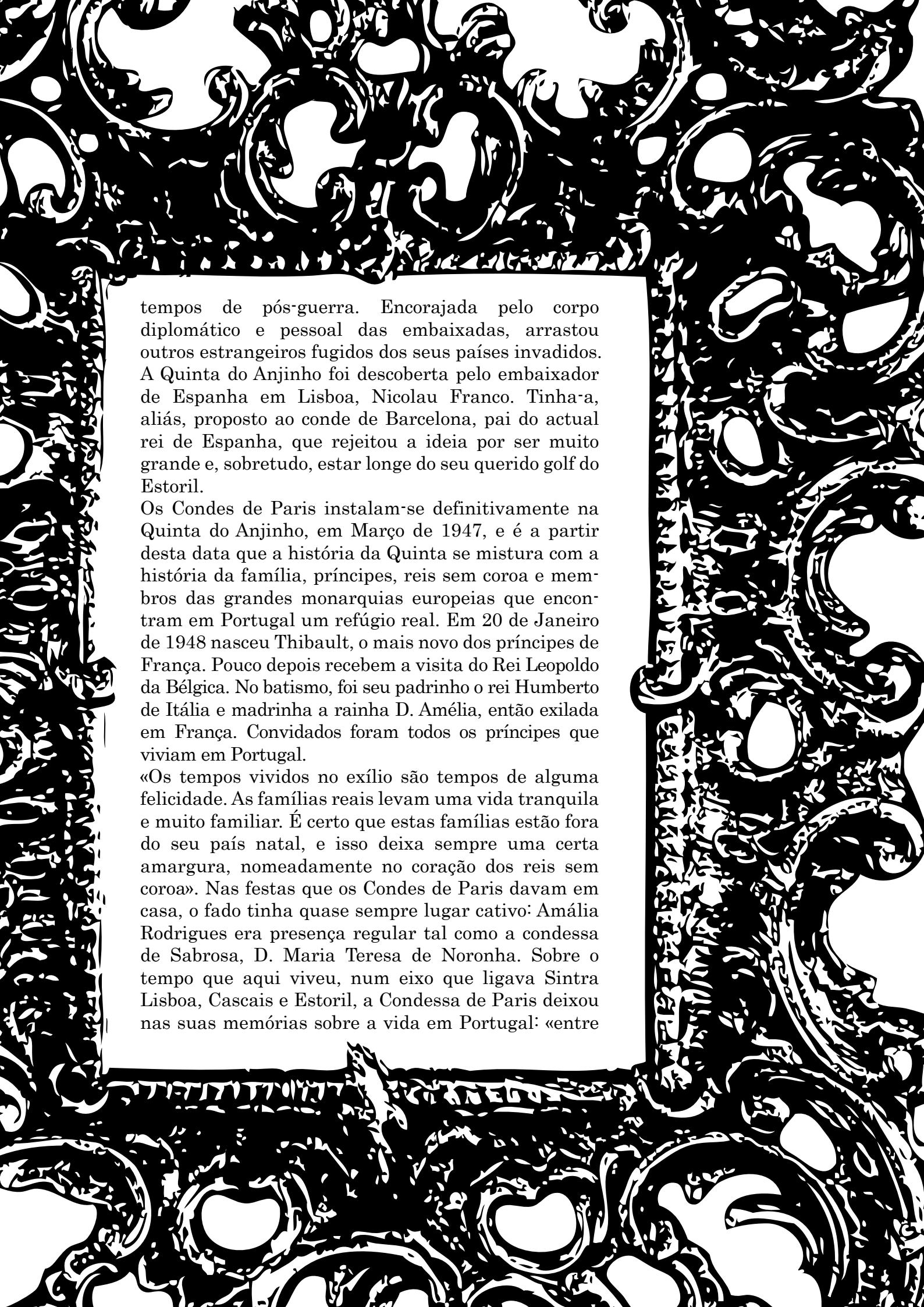
*A História da  
Quinta do Anjinho*



A Quinta do Anjinho faz parte de uma história que ainda poucos conhecem. O imóvel que é actualmente a sede da Escola Nacional de Bombeiros foi outrora o refúgio da família real francesa – os Condes de Paris. Estas lembranças foram recentemente revisitadas no livro *Reis no exílio – Portugal refúgio real*. O autor Charles-Philippe d'Orleans, duque de Anjou, não viveu estes tempos mas têm-nos bem presentes na memória graças às histórias que a sua avó, a condessa de Paris, lhe contava sobre a Quinta do Anjinho - a casa da felicidade.

«A Europa era devastada por uma guerra cruel e mortífera, Portugal, país neutral, torna-se num destino apetecível para milhares de refugiados que procuram fugir dos horrores da ameaça nazi. Em 1940, os duques de Windsor e o rei Carol da Roménia, que acaba de ser deposto, chegam a Portugal. Seis anos depois é a vez de a família real espanhola se instalar no Estoril. Segue-se o rei Humberto e a rainha Maria José de Itália e a família real francesa. Por fim é a vez de chegar a última czarina, Joana da Bulgária.»

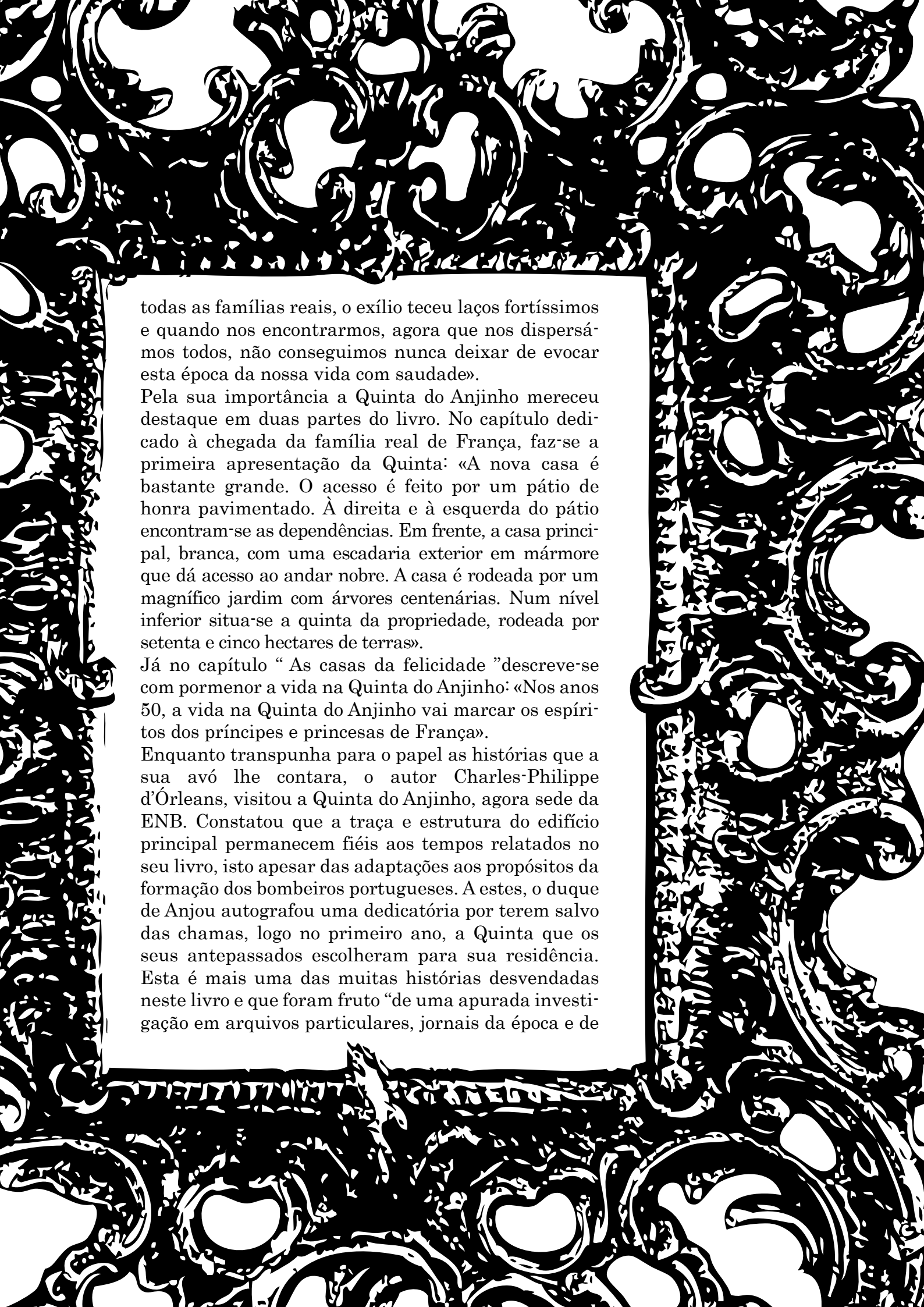
A Condessa de Paris desembarcou em Lisboa, com a sua “tropa” de 10 filhos no dia 18 de Julho de 1946, vinda de Pamplona. À sua espera estava, no cais, Mary Espírito Santo, casada com Ricardo, o grande banqueiro e mecenas. Instalaram-se na casa de S. Domingos à Lapa, onde se mantiveram três meses. Durante este tempo, a condessa de Paris, a mais velha das princesas do Brasil e irmã da duquesa de Bragança D. Maria Francisca, procurou entre Estoril e Cascais uma casa para viver. Lisboa vivia momentos de descompressão colectiva, característicos dos



tempos de pós-guerra. Encorajada pelo corpo diplomático e pessoal das embaixadas, arrastou outros estrangeiros fugidos dos seus países invadidos. A Quinta do Anjinho foi descoberta pelo embaixador de Espanha em Lisboa, Nicolau Franco. Tinha-a, aliás, proposto ao conde de Barcelona, pai do actual rei de Espanha, que rejeitou a ideia por ser muito grande e, sobretudo, estar longe do seu querido golf do Estoril.

Os Condes de Paris instalam-se definitivamente na Quinta do Anjinho, em Março de 1947, e é a partir desta data que a história da Quinta se mistura com a história da família, príncipes, reis sem coroa e membros das grandes monarquias europeias que encontram em Portugal um refúgio real. Em 20 de Janeiro de 1948 nasceu Thibault, o mais novo dos príncipes de França. Pouco depois recebem a visita do Rei Leopoldo da Bélgica. No batismo, foi seu padrinho o rei Humberto de Itália e madrinha a rainha D. Amélia, então exilada em França. Convidados foram todos os príncipes que viviam em Portugal.

«Os tempos vividos no exílio são tempos de alguma felicidade. As famílias reais levam uma vida tranquila e muito familiar. É certo que estas famílias estão fora do seu país natal, e isso deixa sempre uma certa amargura, nomeadamente no coração dos reis sem coroa». Nas festas que os Condes de Paris davam em casa, o fado tinha quase sempre lugar cativo: Amália Rodrigues era presença regular tal como a condessa de Sabrosa, D. Maria Teresa de Noronha. Sobre o tempo que aqui viveu, num eixo que ligava Sintra Lisboa, Cascais e Estoril, a Condessa de Paris deixou nas suas memórias sobre a vida em Portugal: «entre



todas as famílias reais, o exílio teceu laços fortíssimos e quando nos encontrarmos, agora que nos dispersá-mos todos, não conseguimos nunca deixar de evocar esta época da nossa vida com saudade».

Pela sua importância a Quinta do Anjinho mereceu destaque em duas partes do livro. No capítulo dedicado à chegada da família real de França, faz-se a primeira apresentação da Quinta: «A nova casa é bastante grande. O acesso é feito por um pátio de honra pavimentado. À direita e à esquerda do pátio encontram-se as dependências. Em frente, a casa principal, branca, com uma escadaria exterior em mármore que dá acesso ao andar nobre. A casa é rodeada por um magnífico jardim com árvores centenárias. Num nível inferior situa-se a quinta da propriedade, rodeada por setenta e cinco hectares de terras».

Já no capítulo “As casas da felicidade” descreve-se com pormenor a vida na Quinta do Anjinho: «Nos anos 50, a vida na Quinta do Anjinho vai marcar os espíritos dos príncipes e princesas de França».

Enquanto transpunha para o papel as histórias que a sua avó lhe contara, o autor Charles-Philippe d'Orleans, visitou a Quinta do Anjinho, agora sede da ENB. Constatou que a traça e estrutura do edifício principal permanecem fiéis aos tempos relatados no seu livro, isto apesar das adaptações aos propósitos da formação dos bombeiros portugueses. A estes, o duque de Anjou autografou uma dedicatória por terem salvo das chamas, logo no primeiro ano, a Quinta que os seus antepassados escolheram para sua residência. Esta é mais uma das muitas histórias desvendadas neste livro e que foram fruto “de uma apurada investigação em arquivos particulares, jornais da época e de



entrevistas únicas a membros da realeza europeia. É, sem dúvida, uma “obra que nos leva até uma época em que Portugal foi o centro do mundo”.

CHARLES-PHILIPPE D'ORLÉANS

*Na Zambeira de Portugal,  
que nos ajudaram no início  
da nossa estadia na*

*Quinta do Anjinho,*

REIS NO EXÍLIO

Portugal Refúgio Real

*hoje Sua Escola Nacional.*

*Com um forte abraço,*

*Prince Charles Philip*

a esfera  dos livros



Galeria fotográfica



Galeria fotográfica





Galeria fotográfica



Galeria fotográfica





Fotos gentilmente cedidas pelo duque de Anjou - Charles-Philippe d'Orleans.

**Bibliografia**

D'ORLEANS, Charles-Philippe, Reis no exílio, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011

